**Uma imagem contendo vestuário

Descrição gerada automaticamente**

**“Senhor, aumenta-nos a fé!”**

**Vigésimo sétimo domingo do Tempo Comum**

**6.10.2019**

Irmãs e irmãos, que a vida de vocês seja plena da paz do Senhor!

Jesus dá continuidade a sua subida a Jerusalém, uma verdadeira caminhada catequética, na qual nos alimenta espiritualmente com sua Verdade. Nessa sequência, Ele possibilita, caso optemos por ouvi-Lo, a nossa evolução espiritual, tornando-nos seus verdadeiros discípulos. Porém, tal conversão requer, não apenas que tenhamos ouvidos atentos aos seus ensinamentos, mas, acima de tudo, que transformemos sua Palavra em práticas cotidianas.

Em sua caminhada espiritual, Jesus nos orienta, continuamente, a acompanhá-Lo na cotidiana missão de construção do seu “Reino” aqui e agora, sendo, para tanto, espiritualmente enriquecidos por Ele, advertindo-nos sobre o valor adequado dos bens materiais e lembrando-nos da necessária vigilância permanente sobre nossos pensamentos e ações. Chama-nos a atenção ao universal divino convide para o acesso ao “Reino”, de forma absolutamente indiscriminada, requerendo, entretanto, uma opção firme, sincera e corajosa para tanto. Tal disposição, certamente, impulsiona-nos a uma vida humilde e compassiva, sempre movidos pelo amor sem intencionalidade. Jesus não nos deixou esquecer, também, que os recursos materiais a nós disponibilizados neste mundo, independente de seu volume, não devem servir egoisticamente para o nosso próprio deleite, mas sim para que, de forma compartilhada, possamos comungá-los com os irmãos.

Hoje, na continuidade do Evangelho narrado por Lucas, ao ser solicitado pelos apóstolos para que sua fé seja aumentada, Jesus leva-nos a refletir sobre o verdadeiro poder da fé, bem como a importância de sermos servos humildes em nossa encarnação.

5Os apóstolos disseram ao Senhor: “Aumenta em nós a fé!” 6O Senhor respondeu: “Com a fé que tendes, como um grão de mostarda, se dissésseis a esta amoreira: ‘Arranca-te e replanta-te no mar’, e ela vos obedeceria. 7Quem de vós, tendo um servo que trabalha a terra ou guarda os animais, lhe dirá quando volta do campo: ‘Tão logo chegues, vem para a mesa’? 8Ou, ao contrário, não lhe dirá: ‘Prepara-me o jantar, cinge-te e serve-me, até que eu tenha comido e bebido; depois, comerás e beberás por tua vez’? 9Acaso se sentirá obrigado para com esse servo por ter feito o que lhe fora mandado? 10Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos simples servos, fizemos apenas o que devíamos fazer”. (Lc 17,5-10)

Fé e humildade, poder e serviço. Mais uma vez, Jesus nos ensina como devemos nos portar neste mundo, não para que sejamos julgados adequadamente, ou condenados no porvir caso ajamos de forma inadequada, mas para que consigamos ser seus verdadeiros parceiros na construção do “Reino” no eterno “aqui e agora”.

É impressionante como frequentemente somos levianos, assim como os apóstolos no trecho evangélico de hoje o foram, ao solicitarmos a Deus que aumente a nossa fé, imaginando algo que pudesse ser medido, quantificado e satisfeito na medida de sua possível concessão. Estabelecendo uma quantidade majorada para que, com isso, possamos melhor agir, demonstrando que, ao termos nossa fé aumentada, maior será nossa capacidade de estabelecer um efetivo vínculo com Deus. Como nossa limitação humana faz com que, ilusoriamente, tenhamos em mente a quantificação da fé na similitude da crença em algo ou alguém! Por tal limitação, vemos similaridade entre fé e crença, pedindo para tê-la mais intensamente, como se, ao ser concedido tal pedido, tivéssemos nossa “salvação” garantida. Esquecemo-nos, amados irmãos e irmãs, que “fé” é ação e não apenas uma crença, longe de ser algo passivo e estático, é uma ativa resposta, uma verdadeira entrega, em decorrência do acolhimento sincero e maduro da revelação divina em nossa vida.

Hoje, no relato de Lucas, distintamente dos apresentados por Mateus e Marcos, Jesus aponta para a discreta fé já existente naqueles que solicitam seu aumento, os quais demonstram uma evidente preocupação, caso não tenham sua fé majorada, no cumprimento das determinações elencadas pelo Mestre, ao longo da jornada espiritual a caminho de Jerusalém, com vistas à construção do “Reino”. Cristo Jesus mostra-lhes que a fé, minimamente presente, já é capaz de mover uma árvore, transplantando-a no mar. Uma exagerada metáfora, uma imagem pirotécnica, com o objetivo de levar os seus ouvintes, presentes e futuros, não à ideia de um possível poder mágico da fé, tampouco à sua capacidade de realizar manifestações fantásticas, mas sim a imaginar o poder da fé, mesmo que diminuto, na transformação de nossa vida, pois à “fé” toda mudança almejada é possível, caso ela seja sentida e utilizada como indutora de nossas ações. Percebamos, de forma similar, o transplantar da amoreira, sendo arrancada da terra, à necessária extirpação de nossas ilusões, de nossos medos, de nosso egoísmo, de nosso orgulho. Tudo isso é possível, mesmo com nossa dificuldade humana, caso percebamos presente a força da fé, modeladora e impulsionadora de novas atitudes.

Ocorre que Jesus aponta para um grão de mostarda como forma comparativa à “fé”. Lembremo-nos de que, apesar de ser minúscula, ela é extremamente poderosa em sua capacidade intrínseca de gerar uma frondosa árvore. Na verdade, ela não precisa ser maior para dar origem a uma grande estrutura.

Recebemos, diariamente, um convite divino, um radical convite de conversão. Não uma mudança que nos leve ao domínio de normas, regras e dogmas, a celebrações repetitivas e pontuais em nossa vida, ou, ainda, à ostentação do conhecimento teórico de doutrinas e de verdades abstratas sobre a transcendência. Esse convite que nos é oferecido por Deus refere-se à “fé”! É o nosso compromisso com a construção do “Reino” em nosso dia-a-dia, por meio de nossa cotidiano relação fraterna e amorosa com o outro. É a adesão incondicional ao projeto de Jesus que aponta para a compaixão e a misericórdia entre os seres, na permanente disposição da partilha e da comunhão com os irmãos, sem qualquer intencionalidade.

Entretanto, essa adesão, esse novo agir, deve estar vinculada a uma vida em humildade e gratuidade nas ações, sustentada pela certeza de que não agimos por nossa própria capacidade; não somos impulsionados pelos nossos próprios desejos, tampouco fortalecidos pelo nosso próprio querer; não temos o nosso caminhar iluminado pela nossa própria luz. Somos, sim, instrumentos de salvação nas mãos de Deus e, quanto mais nos entregarmos, sentindo-nos fracos de nosso próprio desejo e livres de nosso próprio ego, teremos a nossa fé fortalecida, ao permitirmos que a força do Santo Espírito aja em nós e conduza nossa vida e, por conseguinte, perceberemos nossas ações mais edificantes e nossa atuação como “*simples servos*”. Ao nos colocarmos com sabedoria, sinceridade, coragem e determinação nas mãos de Deus, a serviço do Reino, jamais teremos a preocupação ou a necessidade de sermos exaltado, elogiados e enaltecidos, muito menos de termos nossa conduta reconhecida como a única correta diante de tantos equívocos, pois, humildemente, entenderemos que “*fizemos apenas o que devíamos fazer*”, agradecendo pelos dons concedidos.

Amadas irmãs, amados irmãos, assim como é evidente para os discípulos presentes na época de Jesus que a adesão à proposta do Mestre está longe de ser um caminho fácil e confortável, pois requer um radical compromisso na luta permanente contra a limitação e a fragilidade humana, fica claro para todos nós que a coragem e a determinação necessárias para o enfrentamento cotidiano do que se contrapõe em nosso caminho para nossa auto-realização, para nossa salvação, abandonando o comodismo e o egoísmo, evidencia-se como uma tarefa que requer muito mais do que nossa capacidade humana pode suportar. Por isso, é compreensível o pedido para que tenhamos nossa fé aumentada. Porém, tal pedido deve ser visto não como um presente, ou um acréscimo em um determinado sentimento já contido em nós. Representa, sim, pedir a Deus coragem para fazermos opções corretas, discernimento para escolhermos o caminho certo no processo contínuo de crescimento espiritual, sabedoria para tomarmos a decisão adequada aderindo, incondicionalmente, à proposta de vida que Jesus nos apresenta e humildade para que, ao conseguirmos trazer Cristo vivo para o nosso dia-a-dia por meio de nossas ações, saibamos que a origem de tal capacidade foi do Santo Espírito que em nós habita, jamais de nossa própria capacidade de entendimento e ação.

Que tenhamos a clareza da importância desse pedido, da possibilidade de sua realização e da responsabilidade de trazê-lo aos atos de nosso cotidiano.

Reflitamos, irmãs e irmãos, sobre os divinos ensinamentos que hoje foram a nós apresentados.

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Rev. Frei João Milton